

“EXPLICAREI BREVE EM UMA CARTA MAIS MINUCIOSA”: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA CORRESPONDENTE DE MÁRIO DE ANDRADE (1922-1926)

“I WILL EXPLAIN IT SOON IN A METICULOUS LETTER”: THE CORRESPONDENCE BETWEEN SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA AND MÁRIO DE ANDRADE (1922-1926)

Guilherme Pinheiro **PACHECO**¹

Resumo: O presente artigo procura analisar a correspondência de Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade entre os anos de 1922 e 1926. O corte temporal proposto é relevante, pois corresponde aos anos efervescentes do Modernismo, mais especificamente o período entre as duas primeiras revistas do movimento, *Klaxon* (1922-1923) e *Estética* (1924-1925). A intenção é tentar traçar a *personalidade epistolar* de Sérgio que aparece nessas cartas. Isso quer dizer que vamos nos centrar nos movimentos das cartas, deixando um pouco de lado o contexto mais amplo das discussões modernistas.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda. Mário de Andrade. Epistolografia. Modernismo brasileiro. Literatura brasileira

Abstract: This article examines the correspondence between Sérgio Buarque de Holanda and Mário de Andrade between the years of 1922 and 1926. This proposed timeframe is relevant because it represents the effervescent years of the Brazilian Modernism, specifically the timespan between the publication of the two of the movement’s most important journals: *Klaxon* (1922-1923) and *Estética* (1924-1925). This work intends to elucidate the *epistolary personality* of Holanda that comes across in these letters. In this sense, we will be focusing solely on the movement of the letters, leaving aside the ample context of modernist discussions.

Keywords: Sérgio Buarque de Holanda. Mário de Andrade. Epistolography. Brazilian Modernism. Brazilian literature

No prelúdio das atividades intelectuais de Sérgio Buarque de Holanda encontramos uma obra voltada eminentemente para a crítica literária, ofício primário e primordial. Outras experiências, como os exercícios ficcionais, não foram descartadas e não se viram impossibilitadas pela propensão ao trabalho de exegese. Parece-nos que nosso autor testava hipóteses, indagava caminhos. No entanto, em qualquer uma dessas tentativas Buarque de

¹ Mestre em Filosofia com ênfase em estudos brasileiros. Área: literatura, pelo Instituto de Estudos Brasileiros. Endereço eletrônico: gui_pacheco88@hotmail.com.

Holanda já deixava entrever qualidades analíticas coincidentes com sua peculiar criatividade, tentativas prévias de harmonizar a interpretação lúcida e o pensamento imaginativo.

Lembremos rapidamente que sua emergência como escritor no cenário das letras nacionais (com estreia em 1920) deu-se em tempos conturbados, às margens de significativas mudanças no panorama da cultura brasileira. Em 1921, um ano após a publicação de seu primeiro texto, os primeiros debates sobre a nova arte estavam estabelecidos, momento em que tais polêmicas preambulavam as agitações que culminariam na Semana de Arte Moderna (1922).

Há, portanto, uma interessante coincidência cronológica entre o início da trajetória de Sérgio Buarque e os fatos fundamentais do movimento modernista. Ao analisar os escritos de nosso autor publicados no decorrer da década de 1920, surpreendemos um encontro significativo e possuidor de um sincronismo notável. A relação que teve início em 1921 compreendeu os momentos preliminares e direcionou-se, com o passar do tempo, para um intenso e produtivo estreitamento. As duas ocorrências parecem traçar uma rota coetânea em um mesmo horizonte, usufruindo das possibilidades dessa contemporaneidade.

Nos escritos redigidos em 1921, desvela-se a adesão à vanguarda europeia e, no mesmo passo, o movimento que o tornou cúmplice da revolta local. Perfilando-se às primeiras frentes de combate, Sérgio Buarque em poucos meses entregava-se à camaradagem agitada dos modernistas brasileiros, respondendo às questões então suscitadas com registros discursivos diversificados (ensaio reflexivo, artigo programático, resenhas).

Entre 1922 e o início de 1923 encontramos nosso autor em uma situação um pouco mais à esquerda, assumindo posturas um tanto inflamadas. A filiação ao movimento torna-se militância, variação que direciona sua atividade crítica para procedimentos menos particulares ou autorais, diluindo a individualidade em favor da coletividade, da causa a ser defendida. A ocasião faz com que a redação de seus textos se ressinta de todo arrebatamento de seu compromisso, adquirindo tons rubros e arestas cortantes.

Nesses anos, Sérgio Buarque de Holanda transitava nas coxias dos acontecimentos centrais, flanando nos entreatos, compondo o efervescente plano de fundo do cenário do primeiro modernismo. À época, sua posição seria mais bem definida como a de um observador participante ou como a de um cronista meditativo e culto, que analisava os acontecimentos cotidianos, sem esconder entusiasmos ou afinidades.

No ano de 1924, a publicação da revista *Estética* evidencia uma conjuntura nova, tanto para o modernismo, que avançava para um novo periódico, quanto para Sérgio Buarque de Holanda, que idealizava a empreitada (em parceria com seu dileto amigo Prudente de Moraes, neto), colaborando com um grande número de produções. Em um curto espaço de tempo, o

lugar que passa a ocupar no movimento modernista desprende-se da modesta função de representante da revista *Klaxon* no Rio de Janeiro para assumir a de editor e protagonista de *Estética*.

O início da correspondência entre Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade data justamente do período em que a revista *Klaxon* é publicada. Em 1922, os dois escritores encontram-se vinculados por incipientes laços afetivos e intelectuais, mas sobretudo estão irmanados pelas convicções do modernismo artístico. O jovem crítico literário e o afamado autor de *Paulicéia desvairada* utilizarão as cartas como ferramentas de trabalho, meio privilegiado (e reservado) para a apuração de ideias e para dar andamento aos trabalhos práticos, como as questões vinculadas ao primeiro periódico modernista.

Em relação às cartas, no fragmento número 19 do texto “Para uma teoria da carta: notas de pesquisa” (NEVES, 1988, p. 194), Luiz Felipe Baêta Neves comenta a “unidade precária” da carta, sua resistência à dissolução e à indeterminação. Na correspondência de Sérgio Buarque de Holanda com Mário de Andrade, essa unidade precária está vinculada, num primeiro momento e quase que inevitavelmente, ao número diminuto do conjunto de cartas que hoje temos disponíveis. Tudo se passa, nesse instante, como se o pequeno volume de missivas fosse simetricamente inverso à relevância dos dois autores para a cultura brasileira ou, mais subjetivamente, frustrasse a expectativa que nós, leitores, temos de um diálogo que se deixasse mostrar à nossa curiosidade em toda sua materialidade.

O mesmo Neves, no fragmento anterior (número 13), escreve:

A carta não se encerra, pois, com as despedidas e a assinatura do remetente; ela pretende ter vida posterior à leitura do destinatário pelas ações (inclusive ações públicas e/ou de alcance significativo) que desencadeará. (NEVES, 1988, p.193)

A unidade precária em contraposição a este movimento que transcende a carta, que pretende ter “vida posterior” nas reações que desencadeará é uma das contradições mais claras no conjunto de cartas que estamos analisando, e nas cartas de um modo geral. Pois, se o número de cartas é reduzido e diz respeito, em sua maioria, a assuntos práticos ligados as revistas modernistas, sua função (a das cartas aqui comentadas) é justamente movimentar as “ações”, colocar em andamento a “vida posterior”. Poderíamos dizer que essas cartas, salvo poucas exceções, são “cartas de trabalho”.

Contudo, podemos dizer, desde já, que o elemento mais relevante desta correspondência está precisamente nas ações que ela desencadeará nos seus protagonistas *fora* das letras, não obstante o andamento truncado, quase desleixado e silencioso, que as cartas mostram ou ocultam

(lembramos que muitas cartas não chegaram a nós). Se a partir delas não temos uma janela onde podemos observar os *sujeitos* em suas particularidades e intimidade, temos os *camaradas* modernistas em profunda articulação.

A primeira carta desse conjunto foi enviada por Mário de Andrade a Sérgio Buarque em 8 de maio de 1922. Esta não se configura como uma carta de apresentação ou descrição dos motivos que levam ao primeiro contato, como é comum nas primeiras cartas. Pegamos a relação já andando, estabelecida numa certa medida. Como leitores, e esta será uma das marcas dessa correspondência, temos que acertar o passo para poder acompanhar os elementos que a antecedem. Não seria o caso de saber ler nas entrelinhas, mas de ler as linhas que compõe a carta como uma das dimensões que formam a relação entre Sérgio e Mário, que envolvem encontros pessoais (impossíveis de serem captados como material de testemunho do diálogo/amizade), relações intertextuais² e, sem contradição, silêncios.

Mesmo assim, o tom usado por Mário reflete uma primeira abordagem ainda cautelosa. Uma espécie de cerimônia que, pelas regras implícitas na epistolografia, no cuidado de um primeiro contato (mesmo que uma camaradagem já preexistia), é necessário cumprir. E isto se reflete mais claramente na linguagem “bem comportada”, um pouco rançosa. No discurso que ainda (como é característico nas cartas de MA) não está para lembrar a imagem que o próprio Mário costumava usar, de pijamas, confortável e pronta pra gozar a intimidade³.

Mário agradece ao “caro Sérgio” o envio de uma revista (*Vanity Fair*), comenta sobre a elaboração de uma conferência, pede informações e manda lembranças a amigos comuns e, ao comentar sobre a revista que contava com a participação de ambos (*Klaxon*), lembra ao jovem camarada que “é preciso que não te esqueças de que fazes parte dela. Trabalha pela nossa Ideia, que é uma causa universal e bela, muito alta” (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 19).

As referências às amizades comuns e a ênfase na relevância dos textos “interessantíssimos” que Sérgio havia mandado - “Agradeço-te cordialmente a valiosa comunicação” (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 19) -, não deixa de ser uma estratégia discursiva da parte de Mário para seduzir seu interlocutor. Dessa estratégia também faz parte o interesse pela produção do jovem escritor.

² Dessa perspectiva, o ensaio que acompanha as cartas, ““Coisas sutis, ergo profundas”: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda”, de Pedro Meira Monteiro, é esclarecedor.

³ Aqui, Mário ainda não utiliza a carta como um espaço para celebrar a amizade (que então apenas começava). Segundo Marcos Antonio de Moraes, Mário de Andrade “na correspondência, esforça-se para apagar o ranço da linguagem cerimoniosa, tencionando criar a ambiência da “amizade largada”. Nesse espaço assim idealizado, poderá medrar com mais viço o seu trabalho de convencimento intelectual” (MORAES, 2007, p. 186). Esta primeira carta é quase o oposto dessa “amizade largada”. Na correspondência com Sérgio Buarque, essa soltura só será atingida na década de 40, quando os dois missivistas parecem mais serenos, menos tensos um em relação ao outro.

Nesse contexto de tentativa de envolvimento, a chamada às armas para lutar pela “*nossa Ideia*”, “*universal e bela, muito alta*”, não apenas é sutil e eficaz, pelo menos no plano da argumentação, como mostra uma *estratégia epistolar* clara. Talvez seja possível dizer que as cartas trocadas pelos escritores modernos nos agitados anos 20 formam quase uma estratégia epistolar *modernista*. O Modernismo, no conjunto de cartas que vamos comentar (1922-26), é um dos eixos centrais por onde giram os nossos correspondentes.

Marcos Antonio de Moraes, ao comentar essa rede de cartas estabelecida por MA escreve:

A conversação realizada pela correspondência de Mário fundamentava a propagação do ideário modernista, bem como dos movimentos culturais e políticos que, de certo modo, foram por ele sustentados. Mário criará uma rede de comunicação jamais vista até aquele momento na história da literatura brasileira. Convergiam para Lopes Chaves cartas de pintores, músicos, literatos. Grandes e medíocres, espíritos universitários e diletantes. O obtuso jogo de cordialidades baratas não tinha espaço nesse universo fervilhante de ideias. (MORAES, 2007, p.128)

A carta em resposta de Sérgio Buarque não tem data precisa (Rio de Janeiro, após 8 de maio de 1922). É uma resposta no sentido estrito: não há nenhuma expansão pessoal ou crítica. Sérgio *responde* aos tópicos tratados por Mário (revista enviada, colaborações para *Klaxon*) de uma maneira quase tímida (e que mais para frente poderíamos dizer ser um desinteresse pelo gênero epistolar bem próprio, pelo menos no sentido de expansão do sujeito, de intimidade).

Esse *desinteresse* em desdobrar-se através da carta, em colocar-se por inteiro lançando mão de todas as possibilidades que ela permite, e que foi praticada com profundidade e assiduidade por Mário, marca a posição retraída no diálogo epistolar de Sérgio. Algo que não se deu, por exemplo, no diálogo através de textos de crítica literária. Há um contraste grande na relação que cada um dos correspondentes mantém com a prática epistolar, e que, a meu ver, é, para além das divergências estéticas ou ideológicas, o principal elemento que “trava” a correspondência entre os dois.

Sérgio não era (nem foi) um carteador, estando longe de qualquer “gigantismo epistolar”. Suas cartas são auxiliares das ações práticas (revistas, discussões), não tendo nenhum traço de uma *escrita de si* focada no sujeito. Não mantém, nesse sentido, uma relação conflituosa com a sua própria escrita⁴.

⁴ A ideia da relação conflituosa com a escrita (de carta) está no seguinte trecho de Marcos Antonio de Moraes (ao escrever sobre Mário de Andrade): “O verdadeiro epistológrafo – aquele que explora todas as possibilidades psicológicas e intelectuais do gênero epistolar – mantém sempre relações conflituosas com a própria escrita, com a execução de seu projeto de correspondência e até com a engrenagem que sustenta a expedição de uma carta” (MORAES, 2007, p. 126).

Sua resposta para Mário de Andrade começa com o clássico pedido de desculpas por não ter escrito antes pela falta de tempo (e que será quase um *letimotiv* dessa correspondência):

Era a minha intenção escrever-lhe no dia mesmo em que enviei o número da revista [Vanity Fair]. Infelizmente porém, ando com o tempo de tal forma tomado que só hoje escrevo. (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p.26)

Se a carta é “a presença de uma ausência” (NEVES, 1988, p. 191), como sugere Luiz Felipe Neves, no fragmento de número 2 do texto citado acima, a presença de Sérgio é rarefeita, reduzida quase às suas funções como colaborador da revista modernista paulista da qual era representante no Rio de Janeiro.

A terceira carta, também de Sérgio, prossegue com as informações que dizem respeito à distribuição da *Klaxon* no Rio. Data de junho de 1922, aproximadamente. Ao abrir a carta, faz apenas uma breve referência, apenas uma linha, a seu estado de saúde - “Escrevo-lhe esta convalescendo de uma gripe que me faz por alguns dias de cama” (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 37). Comentando “as aventuras de *Klaxon* aqui no Rio”, entre ataques e projetos de revide, o jovem crítico pede conselhos e deixa clara sua adesão:

Estou em dúvida se deixo de fazer a seção paulista ou se continuarei a pregar as ideias klaxistas que são as minhas nessa mesma seção. (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p.38)

Mais a frente, no parágrafo seguinte da mesma carta, ao sugerir a Mário uma possível contribuição de Alberto Cavalcanti em algum veículo paulista, Sérgio diz: “Se vocês pudessem arranjar qualquer coisa para ele aí em S. Paulo seria mais um bom auxiliar para o nosso movimento” (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 38).

O plural empregado (vocês), mais explícito na frase que marca sua própria adesão (“nosso movimento”), revela a *rede de comunicação* referida acima por Marcos Antonio de Moraes, tecida por Mário, mas que também marca uma das singularidades do Modernismo como movimento⁵. A própria continuação da carta, onde Sérgio dá conta da articulação para conseguir contribuições para *Klaxon* mostra a importância que o correio teve como elemento tentacular (lembramos que Sérgio está no Rio de Janeiro, Mário em São Paulo) e aglutinador de pessoas fisicamente dispersas e distantes, mas que estavam articuladas e em bloco através das ideias e discussões trocadas por cartas.

⁵ “Mário contribui, em grande parte, para que o modernismo pudesse ser visto hoje como um tecido de dupla face. No avesso as articulações, os pressupostos formadores de concepções estéticas, estratégias de divulgação; na frente, uma revista literária de moços de Cataguases, por exemplo” (MORAES, 2007, p. 129).

Nesta mesma carta de junho de 22 (terceira), ainda temos um bilhete de Ronald de Carvalho agregado ao final. Com apenas um pequeno parágrafo, Ronald mostra, em contraponto ao tom distanciado da carta de Sérgio, uma intimidade e uma expansividade (como missivista) com Mário a que Sérgio não se entregava:

Mário querido
 Muita saudade. Não te escrevi ainda por doente e por um sem-número de trabalhos insuportáveis. Até um dia próximo. Viva Klaxon!
 Ronald. (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p.39)

O “Mário querido” seguido da “muita saudade” de Ronald revela uma terminologia afetiva ausente da empregada por Buarque de Holanda. Mais do que uma questão de termos, podemos dizer que não há uma divergência de afetividade (com Ronald sendo mais “querido”, por isso o carinho mais explícito), mas uma diferença no modo como os missivistas, no caso Sérgio e Ronald, colocam-se em relação ao próprio gesto de escrever uma carta.

No caso de Ronald de Carvalho, podemos dizer que a carta é um espaço de confiança e, sobretudo, de afetividade, onde o sujeito que escreve tenta fazer-se presente (“a presença de uma ausência”). Está disposto a trazer o destinatário para perto, o mais perto possível, fazê-lo sentir sua doença, contar de sua saudade. Para Sérgio, a carta é algo mais direto, pragmático. Muito provavelmente, ele reservava os afetos e confidências para o contato pessoal, o dedo de prosa, utilizando a carta com a única finalidade de comunicar e resolver questões cotidianas inadiáveis.

A próxima carta (quarta) de Mário de Andrade é de 20 de julho de 1922. Pequena e direta trata de questões financeiras e tipográficas de *Klaxon*. Contudo, é ela uma tentativa de intimidade maior (no que diz respeito às cartas enviadas por Mário até aqui). O vocativo “querido Sérgio” com que MA abre a carta é, talvez, uma resposta/proposta a uma abertura afetiva maior (muito provavelmente planejada por Mário, sensível aos movimentos epistolares, engenhoso também). Uma tentativa primeira e sutil de chegar mais próximo do “frio” carteador que Sérgio demonstrava ser até aquele momento.

A carta em resposta de Sérgio (quinta, posterior a 20 de julho de 1922, Rio de Janeiro) permanece pragmática, dizendo respeito aos assuntos relacionado a colaborações, ataques e revides, com espaço apenas para uma ou outra pilhéria. Na verdade, as cartas que até agora vimos mostram o papel de articulador que Sérgio exercia no Rio, em profundo contato com Mário em São Paulo. São cartas, efetivamente, que não mostram quase nenhum viés pessoal, nenhuma confiança. Entretanto, flagram a teia articulada pelos modernistas cariocas e paulistas.

A sexta carta é de Mário de Andrade e foi enviada de São Paulo, data de 29 de julho de 1922. É mais um bilhete curto, dando conta da preparação do número de *Klaxon* em homenagem a Graça Aranha e explicando o funcionamento da seção “Luzes e Refração” da mesma revista.

A sétima carta (Rio de Janeiro agosto de 1922) traz notícias do paulista Sérgio sobre questões cariocas. Abre a carta com escusas e promessas para uma carta futura e mais detalhada:

Meu caro Mário

Estava para lhe escrever desde o princípio do mês não tendo sido possível devido a uma série de ocupações que tenho tido ultimamente. Não enviei ainda ao Tácito o dinheiro da *Klaxon* devido a uma preocupação que lhe explicarei breve em uma carta mais minuciosa. (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 62)

A explicação da vida conturbada, motivo para não ter escrito antes, e da futura carta “mais minuciosa” são desculpas e promessa comuns entre missivistas. No caso de Sérgio, em especial, mostram que ele estava sempre um pouco atrasado, devendo, e a conseqüente promessa de acelerar o passo. Evidentemente que se trata, até aqui, de cartas que poderíamos dizer “de trabalho”, referentes quase sempre a questões modernistas (principalmente as relacionadas à revista *Klaxon*). Não são cartas centradas ou abertas ao sujeito Sérgio Buarque, mas sim ao representante/articulador residente no Rio de Janeiro. Mesmo assim, há “uma série de ocupações que tenho tido ultimamente” que geram um atraso, que não permite a abertura ao pessoal. E há, é claro, a carta para breve “mais minuciosa”.

A próxima carta (oitava) já é do ano de 1924 (maio) e é significativa por transparecer um distanciamento dos assuntos de *Klaxon* (que não existia mais) e permitir, por isso mesmo, uma expressão mais pessoal de Sérgio (remetente). O fato de não ter mais a função de representar uma revista faz com que o autor, ao escrever para Mário após um longo período de silêncio, possa falar de si mesmo com mais soltura. O primeiro parágrafo da carta é interessante e vale a pena ser transcrito:

Querido Mário

Há vários dias, desde aquelas poucas horas em que estivemos juntos tencionava reparar uma falta que estava cometendo deixando de lhe escrever (há quanto tempo?). Felizmente estou certo por minha parte que falta de cartas não quer dizer falta de saudades. Posso afirmar por longa experiência própria. Tencionava escrever a cada um de vocês uma longa carta que exprimisse o que sinto. Entretanto como estarei aí com toda certeza nos primeiros dias de junho fica isso um pouco adiado. (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 65)

Podemos ver claramente uma estratégia discursiva que pretende aproximar o amigo distante. Na primeira frase, Sérgio apela para “as poucas horas que estivemos juntos” lamentando não ter escrito antes numa “falta que estava cometendo deixando de lhe escrever”. E ainda se

pergunta: “há quanto tempo?”. Justificando o largo silêncio, diz estar certo de que falta de cartas não quer dizer falta de afetividade, de saudades. “Posso afirmar por longa experiência própria”, diz. Ao afirmar sua falta, engenhosamente e apelando para sua experiência particular, tenta não apenas abrandar seu interlocutor, mas quase mostrar que, na verdade, seu silêncio é não somente doloroso para ele também como significativo de sua afetividade (que sofre e, por isso, já possui uma longa experiência nessa situação). É a comunicação de uma falta, de uma distância⁶.

O parágrafo termina colocando a questão física. Mais uma vez Sérgio diz tencionar escrever “longa carta que exprimisse o que sinto”. Mas não o faz “pois estarei aí com toda a certeza nos primeiros dias de junho”. A perspectiva do encontro físico, para ele, inviabiliza uma carta que tentaria uma aproximação e expressão mais profundas. E, mais uma vez, temos a pretensão, nunca cumprida, de uma carta longa.

A carta segue com a notícia do surgimento da revista que Sérgio editaria com Prudente de Moraes, neto (futura Estética), e pedido de colaboração. O final da carta mostra mais afetividade: “Adeus. Aceite abraços/ de teu/ Sérgio”. E fecha com o significativo post-scriptum, que parece um recuo, um pedido de desculpa por ter sido tão pessoal na carta: “P.S. Perdoa a ‘saudade’ e a ‘longa experiência’. Até breve” (ANDRADE e HOLAND, 2012, p. 66).

A questão da reciprocidade é, quase sempre, tema recorrente na troca de cartas. Seja na falta ou demora de resposta, seja no desejo de aprofundamento, na ânsia que um missivista, em determinadas situações, tem pelo outro (sujeito distante, presença ausente). No fragmento número 14, Baêta Neves diz, sobre o tema, o seguinte:

As cartas são – de que modo? – expressivas de regras de reciprocidade (de correspondência). Implica regras de equilíbrio; respostas (de que tipo?), rapidamente enviadas (ou não), extensas (ou não). (NEVES, 1988, p. 193)

O desequilíbrio na reciprocidade é uma das características mais marcantes da correspondência de Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade. No mais das vezes, Sérgio parece sempre estar devendo uma carta “mais minuciosa”.

A carta mandada por Sérgio Buarque (nona, após abril de 1925, Rio de Janeiro) vai tocar, mais uma vez, nessa questão:

Mário amigo
é inútil tentar justificar a minha atitude pra com você. Se não tenho respondido às cartas que v. me escreve não é por falta de tempo nem por falta de coragem. Você sabe muito bem que também não é por falta de amizade. (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 71)

⁶ A presença de uma ausência como já mencionamos mais acima, a partir das ideias de Luiz Felipe Baêtas Neves - fragmento 2 (NEVES, 1988, p. 191).

Aqui, o desencontro não envolve apenas o problema da reciprocidade. Algumas divergências de opinião entre os dois missivistas começam a vir à tona junto com o problema constante que Sérgio tem para manter o equilíbrio entre suas cartas e as de Mário. A questão, nesse contexto, fica mais complexa⁷ levando Sérgio a dizer que “o interesse que v. demonstra por mim me sensibilizou muito, mas sua confiança nas minhas capacidades é absurda e me envergonha: não sei se poderei fazer muito mais do que tenho feito” (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 72).

Na próxima carta (décima), de Sérgio, enviada do Rio de Janeiro em 2 de dezembro de 1925, as divergências já estão mais apaziguadas entre os dois. Sérgio dá conta de um livro que manda de presente a Mário e de alguns textos então publicados por Prudente de Moraes, neto e Manuel Bandeira. A tensão diminui e dá lugar ao comentário literário, à brincadeira fraterna.

Em 12 de janeiro de 1926, do Rio de Janeiro, Sérgio Buarque manda uma carta-bilhete comentando e parabenizando o texto recentemente publicado por Mário de Andrade (“Carta aberta a Graça Aranha”) e avisando da nota que escreveria sobre o mesmo.

A última carta de Sérgio Buarque presente no recorte temporal aqui proposto (a última da correspondência entre 1922 e 1926 é de Mário) é motivada por uma desavença entre os correspondentes que aparece em meio às notícias relacionadas aos afazeres de Sérgio Buarque. Nela o jovem escreve: “Recebi sua cartinha de ontem e achei besta. V. tem o direito de supor tudo da gente menos dar a entender o que v. deu a entender.” (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 83).

A partir da explicação feita dos “dois pontos”, na sequência da carta, não podemos ter uma ideia clara do bilhete a que Sérgio se refere (e que Mário, na próxima carta, pede que ele rasgue). Mais uma vez, aparecem nas cartas alguns reflexos (difíceis de serem explicados através das próprias cartas) da relação cordialmente tensa estabelecida pelos dois. Os encontros pessoais e os diálogos travados por artigos, ao que parece, são as vias mais intensas utilizadas para a troca de afetos e ideias. As cartas são o meio, por assim dizer, menos desenvolvido nesse relacionamento (mesmo em se tratando de Mário de Andrade⁸).

⁷ Não cabe aqui esmiuçar esse contexto. No entanto, ele foi bem estudado por Pedro Meira Monteiro no ensaio que acompanha a edição das cartas. Na palestra que precedo o lançamento do volume, Meira diz o seguinte sobre esse momento: “Sem que avancemos à década de 1930, notemos que, em 1925, as ideias formuladas em ‘Perspectivas’ espicaçaram a curiosidade de Mário de Andrade, que reagiria ao conteúdo do artigo numa carta a Prudente de Moraes, neto” (MONTEIRO, 2012, p. 96). Na sequência da carta, Sérgio vai justamente questionar a reação de Mário de Andrade ao artigo “Perspectivas”.

⁸ A hipótese, aqui, é a de que Mário não pode dar vazão ao seu “gigantismo epistolar” pela falta de reciprocidade e de interesse de Sérgio (que muito provavelmente valorizava mais o contado pessoal, a conversa de corpo presente).

A última carta (décima terceira), enviada por Mário de Andrade de São Paulo em 13 de fevereiro de 1926, trata de desfazer o mal-entendido que seu bilhete causou.

Sérgio, caro mio,
Quase que assustei-me com o bilhete de você. Porém estou seguro da nossa amizade e inda sobre ela me assegurava o resto do bilhete. Você escreveu: ‘Você tem o direito de supor tudo da gente menos dar a entender o que você deu a entender’. Por deus que não dei a entender coisíssima nenhuma! Com amigos nunca dou a entender, falo franco e rijo, te juro. (ANDRADE e HOLANDA, 2012, p. 88)

Mário pede para Sérgio rasgar o bilhete porque sua intenção não foi a imaginada.

A falta de interesse em utilizar a carta como meio de estreitamento da intimidade e da afetividade faz com que Sérgio Buarque de Holanda não consiga manter um equilíbrio e certa reciprocidade com Mário de Andrade. A prática epistolar, para aquele, está muita mais próxima de uma ferramenta de trabalho e não se constitui, por isso, como um espaço para a escrita de si (salvo algumas exceções; cartas que, na verdade, são respostas pessoais exigidas pela situação ou pelo outro correspondente).

Podemos dizer que a promessa nunca cumprida de uma carta, sempre para breve e mais minuciosa, é significativa não por seu caráter negativo, de recusa. Mas, talvez, podemos interpretá-la como uma característica (não um defeito), um traço da personalidade epistolar de Sérgio Buarque que lança mão da carta para a articulação literária, a troca de ideias e, principalmente, de informações. A carta é, para ele, muito mais um *meio* do que um *fim*, como foi, por exemplo, para Mário de Andrade.

Referências

- ANDRADE, Mário de; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. Organização Pedro Meira Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MONTEIRO, Pedro Meira. A Correspondência de Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda (1922-1944). In: *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. Organização Stelio Marras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 2012, p. 91-107.
- MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de Jamais Aconselhar: A Epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2007.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. Para uma teoria da carta: Notas de Pesquisa. In: _____ *As Máscaras da Totalidade Totalitária: Memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988, p. 191-195.

Chegou em: 21-02-2017

Accepto em: 09-05-2017